

Linguagem e sexo

É importante que nós, como professores, ultrapassemos quaisquer dificuldades no que respeita à linguagem, antes de iniciarmos as aulas de educação sexual com os nossos alunos. Queremos evitar transmitir qualquer embaraço, desconforto ou incerteza em relação ao vocabulário que utilizamos.

Há aqui alguns pontos a considerar.

Queremos tornar as crianças conscientes de que podem existir diferentes tipos de linguagem para falar de sexo e sexualidade? Por exemplo, vocabulário médico (pénis, vagina, relações sexuais), calão (foder, cona, caralho), e temos eufemísticos ou socialmente aceites (fazer amor, dormir com, etc.).

As pessoas utilizam linguagens diferentes para falar da mesma coisa, por isso é vital compreender o significado das palavras. De outro modo, surgirão dificuldades e equívocos.

É importante clarificar com as crianças qual a linguagem apropriada em cada situação. Algumas crianças estão habituadas a ouvir falar de sexo em "linguagem de rua", que podemos considerar desapropriada para a sala de aula. Contudo, não devemos emitir juízos de valor sobre isto.

Não devemos esquecer que as palavras têm conotações para todos nós, especialmente no que respeita ao sexo e à sexualidade. As palavras que utilizamos, ou ouvimos utilizar, afectam as nossas atitudes e sentimentos. Não devemos subestimar o poder da linguagem.

Exercício para professores sobre linguagem e sexo

O exercício da p.42 é um dos que utilizamos exaustivamente com os professores das escolas do ensino básico, em ateliers e cursos de educação sexual.

Pode ser utilizado durante uma reunião do corpo docente ou numa sessão sobre educação sexual. Descobrimos que este exercício põe de facto as pessoas a falar, embora necessite de ser ministrado com sensibilidade e meticulosamente explicado, de modo a que todos compreendam do que se trata.

Apercebemo-nos de que os professores do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico parecem ter mais dificuldade em fazer este exercício do que os professores do 3º Ciclo. Porque será? Pode estar relacionado com o facto de os professores quererem preservar a "inocência" das crianças mais novas. Ou talvez se deva ao facto de o corpo docente das escolas do 1º e 2º Ciclos ser sempre mais reduzido, pelo que o factor embaraço entra mais facilmente em jogo⁽¹⁾. Não temos, de facto, uma resposta.

A temática da linguagem e sexo necessita de ser contemplada em qualquer discussão sobre educação sexual, que deve incluir também pais e responsáveis das escolas.

⁽¹⁾ N.E. - Para o caso português poderíamos realizar outro tipo de análise.